

**AFETO, VELHICE E LAZER****Recebido em:** 10/11/2008**Aceito em:** 29/11/2008*Ronaldo de Rezende*Departamento de Educação Física – EEEFTO – UFMG  
Belo Horizonte - Brasil

**RESUMO:** O presente artigo procura analisar o componente afetivo na esfera dos valores e dos comportamentos humanos, relacionando-o às questões ligadas ao processo de envelhecimento e o lazer. Destaca-se a íntima relação existente entre afeto e emoção e a fundamental importância que tal ligação assume na nossa vida. Nesse sentido, a discussão aponta para a necessidade de se investir na afetividade para a construção e aprimoramento de relações interpessoais mais harmoniosas, construtivas, que, em última análise, favoreçam a vida. Aponta, ainda, a velhice como época de muitas carências e, ainda, sujeita a preconceitos que limitam as possibilidades dos idosos. Neste contexto, o lazer é visualizado como uma possibilidade de melhoria da qualidade de vida das pessoas, que permite ao idoso a ressignificação emocional de seu lazer, revertendo valores e comportamentos, deixando fluir a espontaneidade, a alegria, o prazer de viver. Por fim, o artigo procura relativizar a crítica que se faz à denominada glamourização da velhice defendendo a iniciativa de valorizar a velhice como uma fase da vida onde as pessoas podem e devem se sentir orgulhosas da idade que têm, realizadas e contentes com o que são e o que fazem, em contraponto à visão de inutilidade, recolhimento e decrepitude, comum na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afeto. Velhice. Lazer.**AFFECTION, OLD AGE AND LEISURE**

**ABSTRACT:** This article attempts to analyze the emotional component in the sphere of human values and behavior by linking it to issues related to the aging process and leisure. It is the intimate relationship between affection and emotion and the crucial link that takes in our lives. Accordingly, the discussion points to the need to invest in affection for the construction and improvement of interpersonal relations more harmonious, constructive, which ultimately encourage life. Points, and the time of old age as many shortcomings and, moreover, subject to prejudices that limit the possibilities of the elderly. In this context, leisure is viewed as an opportunity to improve the quality of life of people, which allows the elderly to re emotional for your leisure, reversing values and behaviors, leaving the flow spontaneity, the joy, the pleasure of living. Finally, the article attempts to relativize the criticism is called glamorized of old age defending the initiative to raise the age as a stage

of life where people can and should feel proud of age who have performed and are happy with what and what they do, in contrast to the vision of futility, collecting and decrepitude, common in society.

**KEYWORDS:** Affect. Old Age. Leisure.

Propomo-nos a destacar, neste texto, o componente afetivo na esfera dos valores e dos comportamentos humanos, em virtude da importância que vemos no tema. Para Schwartz (2004), o estudo da psicologia carece de uma subdivisão didática dos aspectos afetivos, ativos e intelectivos da psicologia para que seja possível a percepção de todo enfoque do campo, muito embora não haja, na realidade da vida psíquica, esta sectarização.

Quando falamos de afeto, muitas pessoas, inclusive no meio acadêmico/científico, tendem a dar menor importância ao tema, do que consideramos que ele merece. Tanto no dicionário quanto no entendimento da maioria das pessoas, encontramos afeto sendo definido como: *amor, carinho, dedicação, cuidado, atenção, paixão, carícia, delicadeza, afeição, simpatia, amizade, amor, sentimento, respeito, tolerância...* Talvez, dessa concepção ‘positiva’, amorosa, edificadora, mas meio ‘melosa’ do que seja afeto, que se tem no senso comum, é que, também, advenha a resistência demonstrada por algumas pessoas contra a devida valorização da afetividade nas relações interpessoais.

Tal concepção reduz afeto, e por extensão a relação afetiva entre as pessoas, ao dengo, ao mimo, ao gesto carinhoso, a delicadeza, a uma demasiada tolerância que se confere ao indivíduo afetivo, o que lhe causaria certa dificuldade de estabelecimento de limites – tão necessários à vida e à educação.

Buscando, no Novo Dicionário Aurélio maior compreensão do significado de afetividade, vemos que, além de ser ‘qualidade ou caráter de afetivo’, ela é, na perspectiva

da psicologia: “*Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza*”.

Portanto, nessa perspectiva, afeto, tendo como elemento básico a afetividade, é tudo aquilo que nos afeta, não se restringindo às emoções ‘positivas’ ou agradáveis, como é entendido no senso comum. Afeto diz respeito, também, à raiva, ao medo, à tristeza...“*acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza*”. Mas, parece que poucas pessoas têm conhecimento desse conceito, que é originário da expressão afeto. A palavra afetivo vem do latim *affectus*, que significa capaz de sentimento ou emoção. Portanto, qualquer sentimento, qualquer emoção.

Consideramos muito importante a compreensão mais ampliada do significado de afetividade, para que a sua valorização não se desgaste diante da conotação limitada e, por vezes, negativa, que adquiriu dos preceitos e preconceitos herdados através dos tempos.

A afetividade está relacionada às nossas emoções: *Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções*. Instala-se aí, no nosso entender, o grande diferencial que coloca a afetividade como um dos assuntos mais importantes ao nos referirmos ao gênero humano. Infelizmente, as emoções sempre foram desprezadas na nossa história.

Dada a magnitude das questões às quais emoção e sentimento estão associados, seria de esperar que tanto a filosofia como as ciências da mente e do cérebro houvessem se dedicado antes a seu estudo. Surpreendentemente, só agora isso está acontecendo. (DAMÁSIO, 2000, p. 58).

Também Restrepo (1998) nos fala desse desprezo quando afirma que mesmo conhecendo a fundamental importância dos afetos, da emoção em nossas vidas, nossa cultura sempre a desprezou pelo fato de ela se opor à lógica, à racionalidade, à moral e bons costumes. Assim, continua Restrepo (1998), sabemos muito de muitas coisas, mas nada sabemos da nossa vida afetiva. Por isso, continuamos mostrando grande entorpecimento em nossas relações com os outros, o que não acontece em qualquer outra cultura chamada exótica ou primitiva.

Goleman (1995) faz coro com os autores citados quando afirma que qualquer abordagem que se faz da natureza humana, ignorando o poder das emoções, é lamentavelmente míope. Para este autor, a denominação *Homo sapiens*, ser pensante, não procede em função do que a ciência hoje diz do lugar das emoções em nossas vidas.

Baseados no que dizem alguns neurocientistas podemos afirmar, categoricamente: somos seres essencialmente, primordialmente, fundamentalmente emocionais. Para Damásio (2000), algum tipo de emoção, obrigatoriamente, acompanha os pensamentos que alguém tem acerca de si ou daquilo que o cerca, e o poder controlador da razão é relativo, pois, esta, depende da emoção. Para este autor, as emoções são parte integrante do se denomina homeostasia.

Sem exceção, homens e mulheres de todas as idades, culturas, níveis de instrução e econômicos têm emoções, atentam para as emoções dos outros, cultivam passatempos que manipulam suas emoções... A primeira vista, não existe nada caracteristicamente humano nas emoções, pois é claro que numerosas criaturas não humanas têm emoções em abundância; entretanto, existe algo acentuadamente característico no modo como as emoções vincularam-se às idéias, valores, princípios e juízos complexos que só os humanos podem ter [...] (DAMÁSIO, 2000, p. 55).

De acordo com Schwartz (2004), os aspectos afetivos intervenientes nos processos educacionais vinculam-se intensamente com as atitudes e condutas humanas cuja

complexidade e subjetividade dificultam consensos sobre o que são afetos, sentimentos, emoções.

Esta falta de consenso do que sejam os afetos e seus desdobramentos, revelam uma compreensão acanhada da dimensão e importância das emoções em nossas vidas. Devido a esse limitado entendimento do que significam as emoções, e, portanto, os afetos na vida de todos nós, questões essenciais como as relações afetivas e o lidar cotidiano com as emoções próprias e alheias, não são valorizadas como deviam e muitas vezes são restritas a certos momentos da nossa existência.

Deve-se começar a diferenciar o termo afetividade de emoção e sentimento, pois muitas das vezes eles são confundidos como sinônimos ao se falar de uma experiência subjetiva, mas verdadeiramente não os são. A afetividade, portanto, pode ser tratada como uma dimensão do psiquismo humano que compreende um conjunto, complexo e dinâmico, de características particulares voltadas à valoração que se dá a uma pessoa, objeto ou experiência particular e que afetam o funcionamento psíquico do ser humano, tanto em um plano cognitivo, quanto em um inconsciente. Sintetizando, sinalizam-se quais serão os caminhos teóricos de uma discussão mais bem detalhada futuramente. Naturalmente, é sabido que se necessita de um texto posterior que objetive aprofundar tanto a parte teórica, como a metodológica. (PINTO, 2007, p. 13).

Posição semelhante encontramos no livro “Neuropsicologia e Aprendizagem”, organizado pela pesquisadora Luiza Elena Leite Ribeiro do Valle:

A temática da afetividade é tão antiga quanto o homem e tem sido pesquisada por diversos autores a partir de diferentes expressões. Engelmann (1978) buscando analisar os estados subjetivos pesquisou as variações semânticas de palavras como emoções, sentimentos, estados de ânimo, paixão, afeto esperando conseguir precisar as especificidades de diferentes línguas. Descobriu que a maioria dos autores reconhece a necessidade de fazer distinções, e que apesar de não haver um consenso em sua diferenciação, há uma concordância em relação ao que não está sendo precisado pela literatura. (RIBEIRO DO VALLE, 2004, p. 343).

Muito embora questionada por alguns autores, destacamos esta conexão: afeto => emoção, por entender que ela ajuda a sustentar a necessidade de se dar mais importância às questões ligadas à afetividade em nossas vidas.

O tema da afetividade é uma magnífica porta de entrada para começar uma reflexão sobre os maus-tratos e a intolerância que se propagam, de maneira sutil, no mundo contemporâneo. Não conseguimos conceitualizar ainda o importantíssimo papel da afetividade, não só na vida cotidiana, mas também em dimensões onde, até há pouco, ela era considerada um estorvo, como é o caso da pesquisa científica. (RESTREPO, 1998, p.18).

Restrepo (1998) caracteriza nosso pensamento e nossa cognição como componente afetivo, que está presente em todas as manifestações da convivência interpessoal. Mesmo sabendo disso, continuamos tendo dificuldade para reconhecer em cada um de nossos espaços cotidianos em que consiste esse componente afetivo e de que maneira devemos fomentá-lo. Afirma Restrepo (1998), que nós cidadãos ocidentais sofremos uma terrível deformação, um pavoroso empobrecimento histórico que nos levou ao analfabetismo afetivo.

As emoções acompanham o ser humano desde seu nascimento até sua morte, e constituem o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional.

A afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós como nossos medos, nossos desejos, nossos conflitos, nossos anseios sendo, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade.

Entendendo afetividade – relação afetiva – como tudo aquilo que nos afeta, e, relacionando a afetividade com as emoções, não é difícil concluir que a afetividade é a

essência da vida uma vez que toda relação é imediatamente afetiva, o que faz com que afetemos uns aos outros, o tempo todo.

Da percepção do que gera esse afeto em toda nossa existência, construímos nossa personalidade, nos sentimos mais ou menos engajados, motivados ou não, abertos ou fechados ao aprendizado de novas coisas, alegres ou abafados, integrados ou excluídos, participantes ou inibidos. A graça, o colorido, o charme, a riqueza de todos nós, se dá pelas emoções; com a expressão do nosso afeto.

“Dependemos afetivamente dos outros, tanto quanto dependemos do ar, da água ou da luz, da mesma maneira que os seres de um ecossistema têm necessidade uns dos outros para assegurar sua integridade biológica” (RESTREPO, 1998, p.75).

Quando falamos de afeto, não nos referimos isoladamente a um importante aspecto da constituição da nossa essência. Defendemos, com isso, uma construção positiva das relações interpessoais em favor da vida. Propomos o desenvolvimento de relações afetivas que promovam a harmonia entre as pessoas e o seu crescimento, das relações, que oportunizem a igualdade, que promovam justiça, que estimulem a compreensão e a delicadeza, favorecendo o amor.

Diante de tais posições, como desprezar a fundamental importância das relações afetivas em nossas vidas? Como não, defender a construção e o aprimoramento de relações interpessoais afetivas, harmoniosas, que favoreçam a vida, se, somos seres universais, participantes, todos, dessa beleza cósmica a qual pertencemos e com a qual temos compromisso ético?

Infelizmente não é isso que encontramos no nosso cotidiano. A compulsão pelo êxito e pela eficácia, norma suprema do capitalismo ocidental, é uma visão devastadora que

nos padroniza, desconsiderando a nossa singularidade e destruindo nossa esfera íntima, impedindo que tenhamos uma vida afetiva plena.

Segundo La Taille (1992), a partir dos dois anos de idade o indivíduo começa a introjetar as normas da sociedade incorporando limites e padrões de comportamentos, de beleza impostos, que ditam as regras, condutas e gostos. Assim sendo, esta sociedade intimida o sujeito a se expressar de forma espontânea, tornando-o escravo de uma ideologia que preconiza a competição predatória, a vitória a qualquer preço.

Restrepo (1998) afirma que para ser bem sucedido em nossa cultura, é indispensável tornar-se insensível a muitas vivências singulares, para que se possa assumir uma máscara estereotipada que não revele nossas emoções nem nossas dúvidas. Nossos desejos são capturados e vinculados à grande máquina produtiva em que se converteu o mundo, tornando-se pecado grave, podermos distrair nos encantos da sensibilidade.

Quando alguém sente em seu corpo o efeito de campo das correntes afetivas e das relações interpessoais, de imediato o tachamos de histérico ou esquizofrênico. Louco - no sentido da loucura proibida - é aquele que se sente corporalmente incômodo com as exigências de automação. Sensato - no sentido da loucura permitida - é aquele que se crê autônomo - silenciando a forma como a cultura manipula sua sensibilidade e desejos. (RESTREPO, 1998, p.58).

José Ângelo Gaiarsa, in SHINYASHIKI (1994), nos alerta para os modelos de repressão a que somos submetidos em nossa sociedade.

Por que vivemos fazendo isso uns com os outros - vigiando-nos e obrigando-nos - todos contra todos - a ficarmos bonzinhos dentro da regrinha do bem comportado - pequenos, pequenos. Sofremos de megalomania porque no palco social obrigamo-nos a ser, todos anos. Ai de quem se sobressai - fazendo de repente, o que lhe deu na cabeça. Fogueira para ele! Ou você pensa que fogueira só existiu na Idade Média? (SHINYASHIKI, 1994, Int.).

Argumenta Gaiarsa que Freud ajudou a atrapalhar revelando tudo o que escondemos de mal em nós. Mas o nosso sistema social nos obriga a esconder, também, tudo o que temos de bom. Escondemos a ternura, o encantamento, o agrado em ver, em acariciar, em cooperar, a gentileza, a alegria, o romantismo, a poesia, sobretudo o brincar – com o outro, livre das amarras desse aprisionamento social que nos obriga a ficar bonzinhos, dentro das regras do bem comportado.

Em contraste com essa ideologia opressora e desrespeitosa, todos, carecemos de atenção e precisamos ser reconhecidos no nosso valor, na nossa dignidade. Nenhuma doença é mais terrível que a falta de reconhecimento. A indiferença; mata!

Na assim chamada, por Erik Erickson, crise da idade adulta, o conflito mais intenso que o ser humano deve enfrentar é escolher entre viver em intimidade ou manter-se na solidão. Como solução falida, é freqüente que muitos indivíduos recusem a possibilidade de um contato caloroso com aqueles que os rodeiam para encerrarem-se no delírio, oprimidos pela tirania dos símbolos e pela aspereza da linguagem. (RESTREPO, 1998, p.25).

Propomos o cultivo da “boa” afetividade para eliminar ou minimizar os efeitos dessa ordem daninha. Propomos relações afetivas construtivas não porque isso nos confere um diferencial como pessoa, tornando-nos mais apreciados e fazendo que obtenhamos vantagens com isso. Acreditamos que devemos ser mais afetuosos porque nos importamos com o outro e com o mundo. Porque sei que muito posso e que faço diferença na vida.

### **Velhice**

Há inúmeros alertas para o crescimento gradativo e desproporcional da população idosa no planeta. Também no Brasil, a população vem passando por um processo de

transição demográfica ao longo dos últimos anos, caracterizado pelo aumento do número de velhos em relação às outras faixas etárias.

No século XX, considerado o século da “Terceira Idade”, a sociedade contemporânea viu-se desafiada em suas instâncias pública, privada e do terceiro setor a responder, rápida, qualitativamente e quantitativamente, às inusitadas demandas nele geradas, para o homem do século XXI. (GÁSPARI, 2005, P.69).

Esse indiscutível e acelerado envelhecimento do planeta já é conhecido pela grande maioria, muito embora ainda seja pouco o que se tem feito para se adequar a esta nova realidade que nos bate à porta. O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno que necessita ser mais estudado, a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população que se encontra nessa faixa etária.

Alves Júnior (2004), diante da projeção dos dados estatísticos concernentes ao aumento mundial da população idosa, nos alerta para o fato de que, no campo da Psicologia, se destacam estudos da Psicologia do Desenvolvimento, do Envelhecimento e da Gerontologia. Contudo, toda a gama de subjetividades, nem sempre explicitada, precisa ser conhecida porque afeta a vida, o enredo psicológico da pessoa e a sociedade como um todo.

O processo de adaptação às novas realidades que se apresentam com o processo de envelhecimento requerem o desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades, as quais, associam emoção-razão. Alves Júnior (2004) destaca o fato de o idoso enfrentar uma verdadeira crise de identidade diminuindo sua auto-estima positiva e a aceitação de si mesmo, gerando inseguranças quanto à sua identidade, o que reflete na autonomia, liberdade, convívio social e afetam não apenas a frequência como, também, a qualidade dos relacionamentos interpessoais e dos vínculos afetivos no grupo.

A indiferença com o semelhante, gerada pelo modelo de sociedade que construímos, atinge a todos, mas sofrem mais os idosos que ficam, com o avanço da idade, mais fragilizados, mais carentes, mais dependentes de reconhecimento e aceitação.

A sociedade moderna é exclusivamente alicerçada na produtividade, atual, no lucro imediato e na utilidade da pessoa. Cada um de nós foi reduzido a uma mera função social e, dentro desta conjuntura das funções sociais, não restou sequer um espaço social para o velho. Até palavras como tradicional, conservador e ortodoxo, inexplicavelmente adquiriram teor pejorativo... Os valores estéticos estão tão enraizados culturalmente no comportamento das pessoas que um ato de afeto e carinho entre dois idosos, como por exemplo, o caso de um beijo, é capaz de provocar atitudes de evitação, jocosidade e até reprovação. O mesmo ato, tendo adolescentes como protagonistas, encontra receptividade social muito maior. (BALLONE, 2004, p.7).

A ênfase nos aspectos afetivos, no lidar com pessoas da Terceira Idade, justifica-se face à importância que representam nas relações interpessoais e pela conveniência da sua acentuada presença junto aos idosos, uma vez que estes acabam por apresentar maior carência afetiva em relação às pessoas de outras faixas etárias. Hoje, pelo menos nos grandes centros, já 'não há mais tempo' para as pessoas conviverem, como se fazia antes, o que gera maior carência de estímulos afetivos propiciados nos encontros.

O idoso da atualidade cresceu, em muitos casos, em ambiente de pouco afeto, de muitas restrições, de uma relação vertical de poder hierarquizado, de pouco diálogo e disciplina rígida, o que o torna potencialmente mais carente de afeto, que outras pessoas. Agrava este quadro o fato de as perdas decorrentes do processo de envelhecimento acarretarem uma dificuldade maior em se administrar às respostas emocionais diante dos desafios que são impostos aos idosos.

Entretanto, observou-se, segundo Ballone (2004), uma significativa melhora em poucos casos de neuroses com o envelhecimento, fato também observável na prática psiquiátrica. Isso comprova não haver uma desestruturação psíquica no envelhecimento,

mas sim, uma alteração estrutural na dinâmica psíquica. Com o envelhecimento surgem novos arranjos psicodinâmicos e nova arquitetura afetiva. Nestes casos, um ambiente pleno de carinho e atenção em torno do idoso, juntamente com uma serenidade afetiva própria das perdas geradas pelo envelhecimento, favoreceriam o seu acomodamento emocional.

Não é fácil para qualquer um enfrentar os valores vigentes e agir de maneira não programada pelo padrão estipulado explícita ou implicitamente para cada um de nós, quanto mais o idoso que se sente fragilizado pelas dificuldades próprias do processo de envelhecimento.

O velho, diante desse cenário, precisa de muita determinação, muito apoio, muita resistência para superar o desrespeito; o descrédito que gera tanta discriminação a que o idoso é, cotidianamente, submetido de forma clara ou sutil.

Somos seres fundamentalmente sociais. Nosso modo de pensar e agir depende mais de fatores externos do que das limitações que ocorrem face às adaptações impostas pelo processo de envelhecimento. O envelhecimento que inexoravelmente incide sobre todos nós enquanto vivemos, é mais bem percebido através do *feed backs* que recebemos dos outros.

Como a nossa sociedade ainda é preconceituosa em relação aos idosos, estes, absorvem os estigmas que lhe são conferidos tornando-se, mormente, o estereótipo sugerido. O próprio idoso passa a criticar outro que não se encaixa nos parâmetros determinados e ousa fazer coisas que não cabem a quem se encontra neste período de vida.

### **Lazer**

O lazer é uma das áreas de estudo que têm como pressuposto a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Dentre as conquistas importantes nesse sentido, vimos lazer

sendo garantido na declaração de direitos humanos e posto, como condicionante de saúde, na constituição federal do nosso País.

Para Schwartz (2004), os inúmeros aspectos psicológicos que permeiam os diferentes conteúdos culturais do lazer, ainda não foram sistematicamente inseridos no âmbito da psicologia. Contudo, a motivação é tida como fator essencial na mudança de atitudes, tendo estreita ligação ao modo mais eficiente de lidar com as relações interpessoais, que recebe lugar de destaque na psicologia do lazer.

A motivação intrínseca, talvez a única que opera significativas mudanças, é conquistada através do envolvimento afetivo adequado. Para Restrepo (1998), a cognição é cruzada pela paixão, por tensões impostas, a tal ponto que são as emoções e não as cadeias argumentativas que atuam como provocadoras ou estabilizadoras das atividades cerebrais, resultando em fechamentos prematuros ou mantendo uma plasticidade que permite mudanças.

Nascimento (2007) mostrou que pela via do afeto foi possível alcançar mudanças significativas das pessoas envolvidas com relação a valores e atitudes no desenvolvimento do comportamento ambiental consciente.

Iríamos mais longe afirmando, que é pela via do afeto que nos mobilizamos e promovemos mudanças em quaisquer setores da vida, incluindo o do lazer.

Ratifica-se, então, a possibilidade de o ser humano, em todos os espaços de educação, especialmente no que concerne aos espaços informais do lazer, ressignificar e usufruir a vida a partir de parâmetros qualitativos, encontrar-se consigo mesmo e com o(s) outro(s), fundir seu eu natureza e resgatar a natureza de seu eu, recuperar sua auto-estima positiva, promover o desenvolvimento de suas múltiplas inteligências, aguçar e desenvolver seu pensamento crítico, sua criatividade, como armas poderosas citadas pelos próprios sujeitos do estudo para a reversão dos diversos antagonismos sociais que o afetam frontalmente. (GÁSPARI, 2005, P.75).

Compactuamos com a idéia de que o idoso pode e deve, se necessário, ressignificar emocionalmente seu lazer, revertendo atitudes enraizadas, valores e comportamentos, deixando fluir a espontaneidade, a alegria, o prazer de viver e o elemento lúdico que lhe é inerente, melhorando com isso, a sua qualidade de vida.

Segundo Rodrigues (2003) houve, nas últimas décadas, um interesse crescente pelos estudos do lazer. Atualmente vemos desabrochar um interesse especial para o estudo do envelhecimento. Entretanto, estudos que abordem a relação entre estas duas áreas ainda são incipientes, necessitando de mais investigação.

Com o envelhecimento ocorre, normalmente, a diminuição do tempo destinado ao trabalho. Nesse ponto de vida, a família, a religião, o lazer passam a receber mais atenção, podendo tornar-se as principais ocupações no tempo social dessas pessoas.

No âmbito do lazer do idoso, elemento que tem vital importância pelo fato do aumento abrupto do tempo livre das obrigações trabalhistas, também, crescem as preocupações e tênues iniciativas voltadas às questões da qualidade de vida e do preenchimento qualitativo deste tempo livre, no sentido de libertá-lo dos estereótipos sociais que o afligem e rotulam, tanto mais improdutivo e decadente, quanto mais avança em sua idade cronológica. (GÁSPARI, 2005, P.72).

Para lidar com o idoso priorizando a afetividade, o profissional, incluindo o do lazer, deve não só saber das necessidades das pessoas que se encontram nesta faixa etária, de suas carências e potencialidades. Esse profissional precisa, também, conhecer mais sobre as questões que dizem respeito à afetividade e, principalmente, gostar de velhos. E gostar de velhos não é algo que comumente acontece natural, espontaneamente.

Para se gostar de velhos é preciso enfrentar os preconceitos, desconstruir estigmas. Não é suficiente discursar sobre estes preconceitos na esperança de que, assim, as pessoas se livrarão deles, pois foram inculcados durante toda a vida na grande maioria dos jovens. É

preciso cultivar uma atitude psicológica de acolhimento em relação a essa classe de pessoas marginalizadas, aprender a observar e valorizar a peculiaridade de cada um, respeitando sua história de vida.

Para lidar competentemente com os idosos, é preciso vencer preconceitos relativos ao velho na nossa sociedade. Não é suficiente discursar sobre estes preconceitos na esperança de que, assim, as pessoas se livrarão deles, pois foram inculcados durante toda a vida na grande maioria dos jovens. Os profissionais do lazer têm que se despir dos tabus que condicionam os idosos nos guetos onde foram inseridos.

Mas aí se instala um problema: como exigir dos profissionais do lazer mais competência nas relações afetivas com os idosos se ele não recebe informações nem é sensibilizado para isso durante toda a sua formação acadêmica, salvo raras exceções. “Há vários séculos a ternura e a afetividade, foram desterradas do palácio do conhecimento”.(RESTREPO, 1998, p.14)

Ao negar o afeto, continua restrepo (1998), a educação se afirma como um pedantismo do saber apoiado num interesse imperial que desconhece o todo. Essa razão se estabelece desde as suas origens na antiga Grécia e na modernidade, não pretende outra coisa senão escorar as condições de um mercado mundial dos valores e dos desejos, dos sujeitos e dos corpos, da força de trabalho e dos sistemas de acumulação.

Uma das críticas que se faz sobre o lazer direcionado às pessoas idosas diz respeito ao que alguns autores chamam de glamourização da velhice. Para esses pesquisadores, glamourizar a velhice é, dentre outras coisas, buscar o envelhecimento saudável, engajado e ativo.

Encontrarmos com certa regularidade projetos voltados aos idosos brasileiros que como estratégia de sensibilização dos seus participantes enaltecem de forma exacerbada a etapa da vida que ronda a aposentadoria como um período em que tudo seria permitido e extensivo a todos, independente das suas origens sociais. A glamourização do envelhecimento saudável, engajado e ativo, a nosso entender acaba por camuflar as injustiças que são cometidas a uma significativa parcela da população brasileira. (ALVES JUNIOR, 2004, p.58-59).

Tais iniciativas vistas por esse prisma, segregariam os que não se encaixam nessa perspectiva. Seria uma negação da velhice, uma forma de não contemplar outras realidades relacionadas ao adoecimento, a dependência e a outras dificuldades de várias ordens que surgem com o envelhecimento.

O discurso das doenças e a conotação negativa do envelhecer acabam sendo substituídos por uma nova higiene de vida, a do idoso ativo, que acaba fazendo qualquer coisa, independentemente de uma reflexão sobre o que é feito e por que lhe é proposta determinada atividade. (MARQUES, 2006, p.64).

Glamourização da velhice, para alguns críticos, é também uma tentativa de definir a velhice como “feliz idade”, “melhor idade”, “idade dourada”, “boa idade” ou “terceira idade”, dando a esta faixa etária um aspecto de embelezamento artificial, de fuga da realidade. As iniciativas de glamourizar a velhice pecariam pela ingenuidade aliada à tentativa de homogeneização de pessoas que só têm em comum o fato de nascerem na mesma época, afirma Marques (2006).

Instituiu-se, assim, a nova moral do envelhecimento ativo, que busca de todas as maneiras subterfúgios para esconder a velhice ou, mesmo, ignorá-la. Ser velho passou a se relacionar com os dependentes, inativos e isolados socialmente que estão na quarta idade. O discurso das doenças e a conotação negativa do envelhecer acabam sendo substituídos por uma nova higiene de vida, a do idoso ativo, que acaba fazendo qualquer coisa, independentemente de uma reflexão sobre o que é feito e por que lhe é proposta determinada atividade. (MARQUES, 2006, p.64).

Por outro lado, em nossa cultura há, ainda hoje, um preconceito, uma desvalorização em relação ao processo de envelhecimento. Em relação ao velho.

Uma pessoa velha pode ser considerada como alguém que merece e impõe respeito, ou um indivíduo altamente desprezível. Na atualidade, testemunhamos ser bastante comum recorrer-se ao uso da palavra 'velho' para uso mais pejorativo e depreciativo do que lisonjeiro. (ALVES JUNIOR, 2004, p.60).

Gáspari (2005) alerta que cabe aos profissionais que lidam com o idoso ajudar a colocá-lo frente a frente com fatos, idéias e realidades, que contrastam com o cotidiano normalizador, propiciando-lhe elementos que facilitem a incorporação de novas atitudes diante do envelhecimento, da velhice e da própria vida, o que poderá fazê-lo (re)encontrar-se e (re)edificar sua própria identidade.

Com isso, aquelas imagens de inércia, sedentarismo, acomodação, tristeza, indisposição, fadiga, dores sem fim, isolamento, depressão e falta de perspectivas diante desta etapa de vida, paulatinamente, vão perdendo espaço para a crescente participação e adesão às inúmeras oportunidades que são oferecidas ao segmento idoso nos espaços públicos e/ou privados, formal e/ou informal. Este fato vem chamando a atenção da sociedade porque, em cada espaço/lugar dos parques e jardins, teatros, cinemas, restaurantes, família, escola, partidos políticos, igreja, equipamentos de esporte, recreação e lazer, pode-se constatar a presença do idoso, cada vez mais (cons)ciente de sua capacidade de reverter o atual quadro de exclusão social que o estigmatiza à condição de cidadão de segunda categoria e modificar os patamares de sua qualidade de vida. (GÁSPARI, 2005, p.74).

Se, a ciência tem nos possibilitado viver bem mais que os nossos antepassados, mesmo os não distantes, temos que aprender uma nova maneira de pensar e lidar com a velhice, com as limitações que o aumento da longevidade acarreta. Dentre as novas maneiras de lidar com o envelhecimento, precisamos questionar, enfrentar e se contrapor aos estigmas depreciativos que a velhice herdou, em nossa cultura. Nesse sentido, penso que essa criticada glamourização do velho, foi, em parte, bem vinda, pelo menos num primeiro momento.

A expressão glamour vem do escocês e tem sua origem na palavra grammar, que significa gramática. Nos tempos medievais, somente poucos clérigos sabiam ler e escrever e tinham conhecimento de gramática. Para todos os outros, a gramática era associada a

práticas ocultas, misteriosas e mágicas. Naquela época, a palavra *grammar* em inglês, significava encantamento, feitiço.

No sentido atual, *glamour* é uma qualidade excitante e extraordinária que faz com que certas pessoas ou coisas pareçam atraentes, charmosas e na moda. Glamouroso é alguém que possui encanto pessoal, magnetismo, fascínio, simpatia, charme. Em oposição ao velho ao decrépito, ao descartável, ao alijado, ao improdutivo, ao desinteressante, sem charme e feio; opto pelo glamouroso.

Assim, num primeiro momento, até que se equilibrem essas antagônicas visões em relação ao velho, aprovo - excetuando posturas acríicas que merecem, sim, ser pontuadas, a terminologia adotada para designar a faixa etária em que se encontram os idosos, seja qual for – feliz idade, idade de ouro, boa idade, melhor idade, terceira idade uma vez que tais expressões supõem, pelo menos, minimizar os efeitos do estigma depreciativo a que o velho foi submetido durante tanto tempo. E, coitados dos idosos que passaram pela experiência da *glamourização*; mal se encantam com uma denominação que os anima e valoriza, e já têm que se acostumar, novamente, com as críticas que lhe ‘roubam’ o estigma positivo que pretenderam lhes dar!

Encaixa-se muito bem, aqui, aquela célebre expressão usada por Lênin, citada por Saviani (1985), para explicar suas posições extremistas de que, quando a vara está curva, tem-se que entortá-la para o outro lado para endireitá-la. Se houve e ainda há forte preconceito contra o velho, por que não enaltecê-lo para que, das duas posições extremas, surja uma posição mais adequada?

[...] não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum. E para isso nada melhor do que demonstrar a falsidade daquilo que é tido como obviamente verdadeiro demonstrando ao

mesmo tempo a verdade daquilo que é tido como obviamente falso (SAVIANI, 1985, p. 63).

Concordamos com Marques (2006) quando ela afirma que durante muitos anos o conhecimento do envelhecimento e da velhice era dominado por mitos, estereótipos, preconceitos, ignorância e medos pessoais, sendo necessário incorporá-la primeiro como uma fase importante da vida, para depois considerá-la enquanto um fato social.

Ademais, ao se mencionar a fase da velhice com sendo, por exemplo, a idade feliz, não se estará mentindo, exagerando ou se iludindo, se, nos basearmos nos inúmeros relatos de pessoas nesta fase da vida. Elas afirmam, com bastante convicção, que estão na melhor fase de suas vidas. Coisa que não se diria com facilidade há algum tempo, pois se estaria contrariando a expectativa vigente que era de ênfase à decrepitude, ao enfado, ao adoecimento e ao saudosismo, concernentes ao processo de envelhecimento.

Mas qual o segredo em transformar essa experiência de vida em novidade de vida? Será que envelhecer é perder a graça de experimentar o novo? Será que envelhecer tem que ser punido com o desprazer nas mínimas coisas? Será que envelhecer tem que ser enfado e triste? Por que envelhecer significa perda de perspectiva de vida? Não posso, não devo, não pega bem para a minha idade, não, não, não... Já pensou? Viver e não poder usufruir as experiências adquiridas. Pior, será que não há mais nada para viver e aprender? (PINTO, 2002, p.178).

Quem garante que o velho não se sinta, de verdade, na sua melhor fase da vida, apesar de todos os problemas acumulados no processo de envelhecimento.

Vi, certa vez, numa discussão sobre lazer e velhice, alguém classificar como ridículo dizer que a melhor fase da vida é na maturidade, afirmando, categoricamente, que a melhor fase da vida seria a infância. Esta não é uma visão preconceituosa, a partir do ponto de vista deste especialista?

Segundo Ballone (2004), tornou-se vexatório ao idoso confessar sentir-se bem com sua própria idade cronológica, tamanha é a valorização da juventude em nossa sociedade. Para, além disso, como afirma Calegari (1997), a velhice não é um fato total na vida das pessoas. Elas não se sentem velhas em todas as situações, muitas vezes, percebendo este processo nos outros, não em si. Durante o processo de envelhecimento as pessoas são, por vezes, limitadas não por se sentirem incompetentes para pensar e agir de determinada maneira, mas pela imposição do estereótipo de que tais processos não cabem aos velhos.

ASSISTINDO AO ÓTIMO 'CLOSER - Perto demais', me veio à lembrança um poema chamado 'Salvação', de Nei Duclós, que tem um verso bonito que diz: 'Nenhuma pessoa é lugar de repouso'. Com o tempo, nos tornamos pessoas maduras, aprendemos a lidar com as nossas perdas e já não temos tantas ilusões... O problema é que ninguém é tão maduro a ponto de abrir mão do que lhe restou de inocência. Ainda dói trocar o romantismo pelo ceticismo, ainda guardamos resquícios dos contos de fada. (MEDEIROS, 2005).

## REFERÊNCIAS

- ALVES JÚNIOR, E. D. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.57-71, Maio/Ago. 2004.
- BALLONE, G J - Alterações Emocionais no Envelhecimento. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>
- CALEGARI, K. C. Sobre a relação lazer e aposentadoria. In: ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 10, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 1997. p.406 – 411.
- DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. O Idoso e a Ressignificação Emocional do Lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 69-76, Jan/Abr. 2005.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- LA TAILLE, Y. O lugar de Interação Social na Concepção de Jean Piaget. In: VYGOTSKY, W. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MARQUES, P. Z.; CARLOS, S. A. A cultura da atividade e o trabalho com idosos. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p.61-69, Jul./Dez. 2006.

MEDEIROS, M. Interrompendo as buscas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 fev. 2005.

NASCIMENTO, K. K.; CAVALCANTI, K. B. A emoção em trilhas interpretativas: para corporalizar a educação ambiental. In: ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 19, 2007, Recife. **Anais...** Recife, 2007. p. 245.

PINTO, G. et al. Terceira idade, ludicidade e dança: algumas considerações. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 3, 2002, Belo Horizonte. **Coletânea**. Belo Horizonte: UFMG / DEF / CELAR, 2002. p. 173-181.

PINTO, F. E. M. A dimensão afetiva do sujeito psicológico: algumas definições e principais características. *Revista de Educação*, v. 10, n. 10, p. 9-15, 2007.

RESTREPO, L. C. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIBEIRO DO VALLE, L.E.L. (Org.). **Neuropsicologia e Aprendizagem**. São Paulo: Robe Editorial. 2004.

RODRIGUES, M. C. As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. **Revista da UFG**, v. 5, n. 2, dez 2003. Disponível em: ([www.proec.ufg.br](http://www.proec.ufg.br))

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 8. ed. São Paulo: Cortez e Editores Associados, 1985.

SCHWARTZ, G. M. Aspectos psicológicos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 7, n.1, p.09-21, 2004.

SHINYASHIKI, R. **A Carícia Essencial** – uma psicologia do afeto. 91. ed. São Paulo: Editora Gente, 1994.

### **Endereço do Autor:**

Ronaldo de Rezende  
Departamento de Educação Física da UFMG  
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31270-901  
Endereço Eletrônico: ronaldoderezende@hotmail.com